



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

O *BULLYING* HOMOFÓBICO NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES DAS ESCOLAS PÚBLICAS EM NATAL-RN

Rayanny Sillvana Silva do Nascimento¹; Arthur Gabriel Frazão Bezerra Alves².

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rayannyssnascimento@outlook.com.

² *Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: arthurfrazao@gmail.com*

Introdução

O *bullying* homofóbico é um problema visceral das sociedades na maioria dos países. Caracteriza-se por ser motivado pela orientação sexual e de gênero da vítima. Sobrepuja no âmbito escolar, por ser nesse ambiente que a identidade sexual e outras identidades sociais, se produzem em relação às ofertas culturais e às condições institucionais da escola (EPSTEIN; JOHNSON, 2000). Os seus efeitos são erráticos, mas em sua totalidade, nefastos e perniciosos, alcançando o seu píncaro com a morte dos indivíduos que não se enquadram nos padrões de heteronormatividade da sociedade na qual pertencem.

O *bullying* homofóbico se apresenta na escola de diversas formas: dos risos à agressão física; e, também, surge de hierarquias diferentes, desde os alunos aos professores, e até mesmo da própria escola de modo institucionalizado. As vítimas, por sua vez, desenvolvem a errônea, porém justificável ideia, de que não há possibilidade de obstrução das barreiras imposta pelo os grupos hegemônicos heterossexuais, e como consequência nascem a intimidação, traumas psíquicos, sociais e morais, acarretando a evasão escolar. Violando, assim, o direito à Educação (art. 6º, CF).

É fulcro a dissecação e a compreensão desse pungente problema, bem como a busca incessante pela concretização do princípio da dignidade da pessoa humana preconizado logo no 1º artigo, inciso III da Constituição Federal Brasileira, aos que tem os seus direitos dilacerados por motivos tão supérfluos, ademais, quando ocorre na escola.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Sob esse prisma de incongruências escolares, esta pesquisa tem como objetivo precípua analisar a percepção dos docentes das escolas de ensino público em Natal-RN quando o assunto é *bullying* homofóbico. Para a consecução deste trabalho, foi necessário, primeiramente, realizar a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo em Natal-RN (como objeto de estudo de caso) e a análise qualitativa dos dados obtidos. Os resultados apontam que o *bullying* homofóbico ainda é assunto obscuro nas orientações pedagógicas dos docentes e nos seus processos de formação à docência, mesmo diante da concretude do fenômeno que já faz parte do cotidiano escolar.

Em suma, a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero é inadmissível e, a escola, na medida de suas limitações, deve ser sustentáculo na construção da subjetividade dos infligidos pelo o *bullying* homofóbico, não permitindo traumas que marcam a consciência e inscrevem-se na memória e no corpo (BORRILLO, 2001).

Metodologia

A pesquisa em tela procura desenvolver uma análise sobre as perspectivas dos docentes das escolas públicas em Natal, capital do Rio Grande do Norte (o estado ocupa 14ª posição como mais homofóbico do Brasil), como objeto de estudo de caso. A escolha de um objeto de estudo de caso, ocorreu com a necessidade de se observar a ocorrência de um fenômeno no campo social, a prática de *bullying* homofóbico, e discuti-lo além do ponto de vista da teoria. Evidentemente, a teoria dialogará com o levantamento dos dados empíricos (os dados coletados nas visitas técnicas às escolas) e na interpretação dos mesmos, mas o enfoque será a construção da pesquisa com base em uma realidade delimitada (GIL, 2004). A consecução dessa pesquisa deu-se por meio de um levantamento bibliográfico, abordando a temática do *bullying*. Também, foi utilizada a pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, realizada com 50 docentes oriundos de escolas públicas de Natal-RN e com o instrumento de coleta de dados, em campo, utilizou-se a entrevista semiestruturada. A escolha desse universo de pesquisa baseou-se nos critérios de saturação (SÁ, 1998) e em portes teóricos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

metodológicos (GIL, 2009), objetivando verificar que, dentre todas as técnicas de interrogação, a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Por conseguinte, foi realizada a tabulação dos dados e a sua conversão para percentuais, e por fim, a construção de gráficos de modo a representar os resultados com fácil visualização.

Resultados e Discussão

O cenário das escolas brasileiras descortina que o problema do *bullying* homofóbico não é novidade. A novidade está na visibilidade que este vem recebendo nos últimos anos. Entretanto, como se observa pelo o gráfico abaixo, 82% dos docentes entrevistados nunca escutaram ou leram sobre o tema:

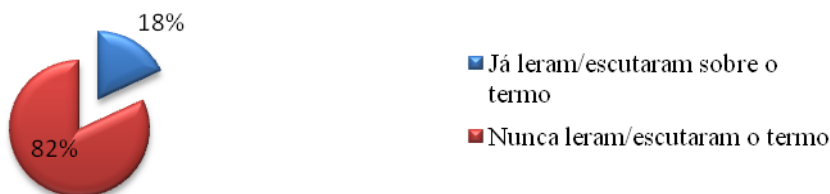


Gráfico 01 – O termo *bullying* homofóbico
Fonte: Autoria Própria, 2015

Uma possível explicação para esse desconhecimento por parte dos docentes está no Gráfico 02, que complementa as perguntas do perfil dos docentes. Constata-se que há uma média de 15 anos de atuação dos docentes em sala de aula e 78% nunca participaram de nenhum curso cujo tema fosse diversidade sexual. Nesse sentido, defende Libânio (1998) que os momentos de formação continuada levam os professores a uma ação reflexiva. Em uma cultura complexa como a nossa, em que a todo instante surgem novos conflitos, é imprescindível que os docentes atentem para as inquietações dos seus alunos. Como bem coloca afirma Behrens (1996, p. 24): “A busca da educação continuada é necessário ao profissional que acredita que a educação é um caminho para a transformação social”



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES



Gráfico 02 – Participação em cursos cujo tema tratado fosse diversidade sexual
Fonte: Autoria Própria, 2015

Frisa-se, contudo, que o docente não é o único e exclusivo responsável pela a sua formação continuada. A Instituição escolar e o Estado estão arrolados e se responsabilizam solidariamente por essa lacuna impressa aos seus profissionais. Observa-se que pelo Gráfico 03, que os docentes quando indagados: “*Já trabalhou ou trabalha em alguma escola que apontasse algum plano específico/orientação para lidar com questões de gênero e sexualidade?*”, 86% responderam: não. Registre-se ainda que nenhum dos entrevistados atuam como docentes há menos de 6 anos, ou seja, pelas as mais diversas instituições escolares, desde da pública à privada, os entrevistados não receberam orientação de como lidar diante de situações homofóbicas. Além disso, como já foi apontado (Gráfico 02), os docentes não participaram de curso que tratam sobre a diversidade sexual.



Gráfico 03 – Docentes que trabalharam/trabalham com orientação/plano específico
Fonte: Autoria Própria, 2015

Em busca de reverter a situação em que os docentes se encontram, o governo brasileiro criou o programa Brasil Sem Homofobia, com a proposta de incentivá-los a realização de cursos de formação sobre a diversidade sexual. Contudo, na prática, de maneira geral, os efeitos não surtiram. Dinis e Calvacanti (2008, p. 107) criticam tais medidas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

afirmando que: “a ideia de tolerância por meio de políticas que questionem as próprias normas que produzem e categorizam as identidades sexuais e de gênero”.

A consequência da ausência de informação dos docentes sobre o assunto gera efeitos graves e preocupantes que perpetuam ainda mais a cultura homofóbica nas escolas. Os docentes ainda não conseguem identificar situações homofóbicas entre os alunos. Entretanto, todos já presenciaram linguagens discriminatórias, sendo as mais comuns: 1º) ‘Viado’, 2º) ‘Bichona’, 3º) ‘Fresco’ 4º) ‘Sapatão’ 5º) ‘Boiola’

Ainda sobre as situações homofóbicas, 73% encaram as recorrentes ‘brincadeirinhas’ como expressão de homofobia. Entretanto, ainda 37% não consideram o fato grave (Gráfico 04). Isto é uma interpretação equivocada sobre o assunto. Em uma análise superficial, os atos homofóbicos são reduzidos às agressões físicas, entretanto, na escola, revelam-se por meio da violência simbólica, ou seja, piadas, brincadeiras, risos, insinuações, entre outras formas mais sutis.



Gráfico 04 – As “brincadeirinhas” como expressão de homofobia
Fonte: Autoria Própria, 2015

Destarte, não há dúvidas que o *bullying* homofóbico está presente no âmbito escolar e que deve ser um tema amplamente debatido em todos os segmentos da sociedade, já que seus efeitos catastróficos não afligem só as vítimas, e sim, a sociedade como um todo. Dentre possíveis ações de combate sugeridas pelos docentes, estão: 1º) Palestras com os alunos e professores com especialistas; 2º) Diálogo com a família e a comunidade; 3º) Campanhas socioeducativas.

Não podemos negar que há avanços no combate à homofobia. Como exemplo disso, 78% dos docentes se dispõem a participar de um curso sobre diversidade sexual e quando



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

solicitados a atribuir uma nota de 0 a 10 para a importância dessa pesquisa no seu ponto de vista, a média obtida foi de: 8.0.

Conclusões

A palavra-chave da sociedade brasileira hoje é: liberdade. Entretanto, a liberdade de manifestar a orientação sexual, ainda é cerceada de diversas formas, uma delas é o *bullying* homofóbico. Muitas vezes o cerceamento começa muito cedo, em fase escolar, e o que causa maior preocupação é a inércia da escola na busca de minimizar os efeitos que se impõem no cotidiano escolar. Demonstra-se, por meio desta pesquisa, que os docentes das escolas pública em Natal-RN ainda não sabem lidar com situações homofóbicas, e esta é uma informação crucial tendo em vista que o RN é 14º estado mais homofóbico do Brasil. A boa notícia é que grande parte dos docentes reconhecem o problema e revelam a disponibilidade em uma busca conjunta por soluções. Nesse contexto, a escola é fator determinante e essencial na implementação de políticas que corrijam a defasagem de informação que afligem e infligem os atores sociais desse preocupante fenômeno. É fático que há resistência na representatividade governamental em tratar sobre o delicado assunto e diante da necessidade de medidas contundentes e imediatas, resta à escola, a discussão e a desconstrução do preconceito heterossexista.

Referências Bibliográficas.

- BEHRENS, Marilda Aparecida. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica.** Curitiba, PR: Champagnat, 1996.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia.** Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.
- DINIS, Nilson Fernandes; CAVALCANTI, Roberta Ferreira. **Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia.** Pro-posições, Campinas, v.19, n. 2 (56), , maio/ago. 2008.
- EPSTEIN, Debbie; JOHNSON, Richard. **Sexualidades e instituição escolar.** Madri: Ediciones Morata, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2009
- GRUPO GAY DA BAHIA. **Assassinatos de homossexuais no Brasil:** 2015. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relate3b3rio-2014s.pdf> Acesso em 02.04.2015.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? novas exigências educacionais e profissões docente.** São Paulo: Cortez, 1998.
- SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: Uerj, 1998. p. 92-93